

O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa)  
Relatório preliminar  
dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980

Rui Parreira \*

Resumo

O autor apresenta os resultados dos trabalhos realizados num povoado pré-histórico da margem esquerda do Guadiana, ocupado durante o Calcolítico e a Idade do Bronze.

Summary

Preliminary report of the excavations made on a prehistoric site of the left side of Guadiana, occupied during Copper and Bronze Ages.



## 1. Objectivos dos trabalhos

Entre o Alto e o Baixo Alentejo, a Serra de Portel, ou do Mendro, forma um limite natural que, apesar da sua baixa altitude, se destaca nitidamente da peneplanície circundante. Limita assim uma vasta região natural, que se estende para sul até confinar com o Alto Algarve oriental e que corresponde à bacia do Guadiana a jusante do Ardila e a montante da foz do Chança.<sup>1</sup>

Em 1978, no cumprimento de um programa de pesquisas coordenado pelo autor e por A. Monge Soares, visando o estudo do povoamento daquela região entre o Neolítico recente e o final da Idade do Bronze<sup>2</sup>, pareceu desejável empreender escavações sistemáticas num dos povoados até então reconhecidos que oferecia possibilidades de se documentarem vestígios ainda bem preservados. Foi com o objectivo concreto de obtenção de séries estratigrafadas de achados, e do estudo da evolução das estruturas de *habitat* e da organização espacial do povoado que se realizaram, em 1979 e 1980, no Cerro dos Castelos de São Brás (também designado por São Brás 1), nos arredores de Serpa, os trabalhos arqueológicos cujos resultados preliminares adiante se divulgam. Para a escolha do local contribuíram as indicações da ausência de trabalhos agrícolas intensivos, a observação do estado de conservação de duas cinturas de muralhas concêntricas, cujo traçado pode ser seguido em torno de todo o cabeço, definindo um terraço superior e outro inferior e a importância dos

<sup>1</sup> LAUTENSACH, H., *Geografia de España y Portugal*, Vicens-Vives, Barcelona, 1967, pp. 577 ss.; FEIO, M., *Le Bas Alentejo et l'Algarve*, livret guide, Congrès International de Géographie, Lisboa, 1949; FEIO, M., *A evolução do relevo no Baixo Alentejo e Algarve. Estudo de Geomorfologia*, Lisboa, 1952.

<sup>2</sup> PARREIRA, R.; SOARES, A. Monge, *Zu einigen bronzzeitlichen Höhensiedlungen in Südportugal*, "Madriider Mitteilungen", 21, 1980, pp. 109 ss.; PARREIRA, R.; SOARES, A. Monge, *Contribuição para o estudo do Neolítico final e do Calcolítico na bacia do Guadiana*, comunicação apresentada ao IV Congresso Nacional de Arqueologia, Faro, 1980.

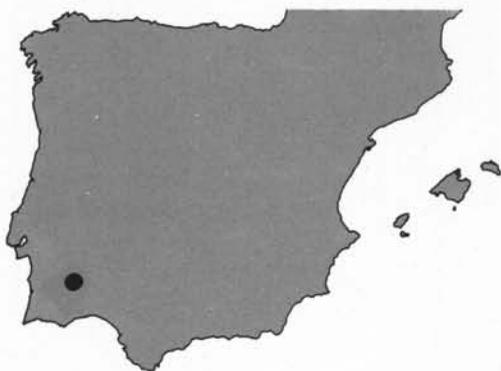


Fig. 1 — Localização do Cerro dos Castelos de São Brás na península Ibérica.

achados de superfície (fig. 6). Apesar da existência de um olival, pensou-se que os estratos poderiam estar ainda relativamente bem conservados, suposição essa que as escavações vieram confirmar inteiramente<sup>3</sup>.

## 2. Principais resultados

Documentou-se a existência de um povoamento do local durante o Calcolítico pré-campaniforme. De entre o material que corresponde a este horizonte de ocupação, destaca-se a cerâmica, com grande variedade de fabricos, abundando as formas esféricas, as taças de bordo espessado e os pratos de bordo *almendrado*<sup>4</sup>. Detectou-se também um possível tear, com várias dezenas de crescentes de barro perfurados nos topos<sup>5</sup> — que aliás são frequentes em toda a estação — concentrados num espaço muito limitado. O material lítico inclui pontas de seta e lâminas de sílex, machados e enxós. Recolheram-se numerosos restos ósseos, que a seu tempo serão analisados. Deve sublinhar-se o apareci-

<sup>3</sup> Primeiras notícias em: "Informação Arqueológica", 1, 1977-78, p. 16; PARREIRA, R.; SOARES, A. Monge, *op. cit.* (v. nota 2), p. 127; PARREIRA, R., *Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa)*, "Informação Arqueológica", 2, 1979 (no prelo). As campanhas foram autorizadas e apoiadas pela direcção da U.C.P.A. Margem Esquerda, de Serpa, que administra os terrenos onde se situa a estação arqueológica. A Câmara Municipal de Serpa cedeu aparelhagem topográfica. Contou-se ainda com o auxílio de Philine Kalb e Martin Höck, que visitaram por diversas vezes a escavação. A todos fico muito agradecido.

<sup>4</sup> ARNAUD, J. M., *Os povoados "neo-eneolíticos" de Famão e Aboboreira (Ciladas, Vila Viçosa) notícia preliminar*, "Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)", 1, pp. 199 ss.; SILVA, C. T. da; SOARES, J., *Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve*, "Setúbal Arqueológica", II-III, 1976-77, pp. 179 ss.; RUIZ MATA, D., *Cerámicas del Bronce del poblado de Valencina de la Concepción (Sevilla)*, "Madrider Mitteilungen", 16, 1975, pp. 80, ss.

<sup>5</sup> GONÇALVES, V. S., *Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim). Escavações de 1979*, "Clio", 2, 1980, p. 138 s.; GONÇALVES, V. S., *Cerro do Castelo de Santa Justa*, "Descobertas arqueológicas no Sul de Portugal", 1980, pp. 27 ss.

mento de um “ídolo-de-cornos”<sup>6</sup>, de diversos exemplares de cerâmica simbólica<sup>7</sup> e de escória de fundição de cobre, esta a documentar a actividade metalúrgica. Comprovou-se também que a mais interior das duas cinturas de muralhas concêntricas possui, na zona do corte 1, um bastião defensivo e foi construída durante o Calcolítico<sup>8</sup>. Fica por esclarecer qual a relação deste horizonte de ocupação com os construtores de megálitos da região e com as gravuras rupestres do Guadiana<sup>9</sup>.

Nos estratos superiores formados junto à muralha interior, foram encontrados fragmentos de cerâmica campaniforme, que documentam uma ocupação durante o final do Calcolítico<sup>10</sup>. Dois destes cacos são pontilhados, outro tem uma fina decoração incisa (fig. 11). A eles deverá acrescentar-se um outro caco encontrado à superfície, com decoração pontilhada (fig. 6). O restante material encontrado nos estratos correspondentes a estes achados não parece mostrar grandes variações em relação aos materiais de estratos mais antigos, sendo todavia prematuro extrair daqui conclusões fundamentadas<sup>11</sup>.

Entre as pedras de derrube do muro *ab* foi encontrada uma ponta metálica de espigão comprido<sup>12</sup>, que poderia indicar uma continuidade da ocupação do Cerro dos Castelos na Idade do Bronze. Na parte norte do corte 1, um estrato de pedras grandes poderá, no entanto, definir um nível de abandono correspondente a uma fase avançada da Idade do Bronze.

Sobrepondo este nível, um conjunto de estratos (horizonte de ocupação), datados pela presença de cerâmica de ornatos brunidos<sup>13</sup>, vasos carenados

<sup>6</sup> BLANCE, B., *Die Anfänge der Metallurgie auf der Iberischen Halbinsel* (Studien zu den Anfängen der Metallurgie, 4), Berlin, 1971, p. 93; KALB, Ph.; HÖCK, M., *Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrikt Santarém). Vorbericht über die Grabung im Januar und Februar 1979*, “Madri-der Mitteilungen”, 21, 1980, em especial pp. 99 ss.

<sup>7</sup> LEISNER, G. e V., *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel I: Der Süden* (Römisch-Germanische Forschungen, 17), Berlin, 1943, p. 513; LEISNER, G. e V., *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen* (Madri-der Forschungen, 1/2), Berlin, 1959, *passim*; GONÇALVES, V. S., *Megalitismo e inícios da metalurgia no Alto Algarve Oriental, notas a uma exposição*, 1979.

<sup>8</sup> AGUAYO DE HOYOS, P., *Construcciones defensivas de la Edad del Cobre peninsular. El Cerro de los Castellones (Laborillas, Granada)*, “Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada”, 2, pp. 87 ss. Sobre bastiões defensivos em povoados do Baixo Alentejo e Algarve cf. GONÇALVES, V. S., *op. cit.* (v. nota 5); SILVA, C. T. da; SOARES, J.; GOMES, F. J. S., *Identificação de um povoado fortificado calcolítico no Torrão do Alentejo*, “Arqueologia”, 5, 1982, pp. 44 ss.

<sup>9</sup> LEISNER, G. e V., *op. cit.* (v. nota 7, 1959), pp. 245 ss.; BAPTISTA, A. M.; MARTINS, M., *Gravuras rupestres do vale do Guadiana: notícia da sua descoberta*, “Informação Arqueológica”, 1, 1977-78, p. 17 s.

<sup>10</sup> Sobre achados de vasos campaniformes em estações arqueológicas do Baixo Alentejo cf. BUBNER, T., *Ocupação campaniforme do Outeiro de São Bernardo (Moura)*, “Ethnos”, 8, 1979, pp. 139 ss.

<sup>11</sup> A propósito, cf. a evolução da cerâmica lisa no povoado de Los Castillejos: ARRIBAS, A.; MOLINA, F., *El poblado de “Los Castillejos” en las Peñas de los Gitanos (Montefrío, Granada)* (Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada, serie monografica, 3), 1979.

<sup>12</sup> BLANCE, B., *op. cit.* (v. nota 6), p. 201 s.

<sup>13</sup> SCHUBART, H., *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel* (Madri-der Forschungen, 9), Berlin, 1975.

e mamilos duplos, na parede externa de alguns vasos <sup>14</sup>, assinalam no povoado o final da Idade do Bronze. Esses achados permitem incluir o Cerro dos Castelos na série de povoados de altura do Bronze do Sudoeste III <sup>15</sup>, assinalando também a passagem para a Idade do Ferro e o abandono definitivo do cabeço como local de povoado.

Para a muralha exterior, que delimita uma plataforma inferior, não se obtiveram ainda elementos de datação nem se esclareceu qual a sua natureza, dado nesse local a escavação ter incidido apenas sobre os estratos superiores.

### 3. Localização e condições de povoamento

O Cerro dos Castelos de São Brás, também designado por São Brás 1, fica situado na freguesia de Santa Maria, do concelho de Serpa, distrito de Beja, e tem as coordenadas 37° 54' 12" Lat. N./ 07° 37' 01" Long. W. Gr. <sup>16</sup>.

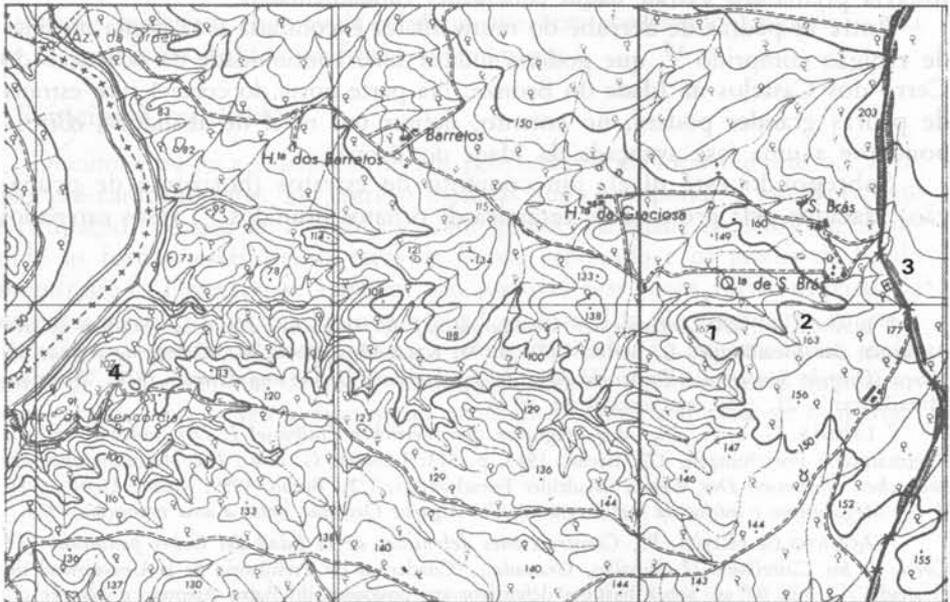


Fig. 2 — Localização do Cerro dos Castelos de São Brás (1), de São Brás 2(2) e 3(3) e do castro da Azenha da Misericórdia(4), no extracto da Carta Militar de Portugal, esc. 1:25 000, folha 532, Serviços Cartográficos do Exército, 1965.

<sup>14</sup> PARREIRA, R.; SOARES, A. Monge, *op. cit.* (v. nota 3); SILVA, C. T. da; SOARES, J., *Uma jazida do Bronze Final na Cerradinha (Lagoa de Santo André, Santiago do Cacém)*, "Setúbal Arqueológica", 4, 1978, pp. 71 ss.

<sup>15</sup> O Bronze do Sudoeste III corresponde ao chamado "horizonte de Huelva"; ALMAGRO GORBEA, M., "Trabajos de Prehistoria", 33, 1976, pp. 411 ss.; ALMAGRO GORBEA, M., *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura* (Biblioteca Praehistorica Hispana, XIV), Madrid, 1977, pp. 491 ss.

<sup>16</sup> Tomadas aproximadamente para um ponto central com base na *Carta Militar de Portugal*, esc. 1 : 25 000, fl. 532, Serviços Cartográficos do Exército, Lisboa, 1965.

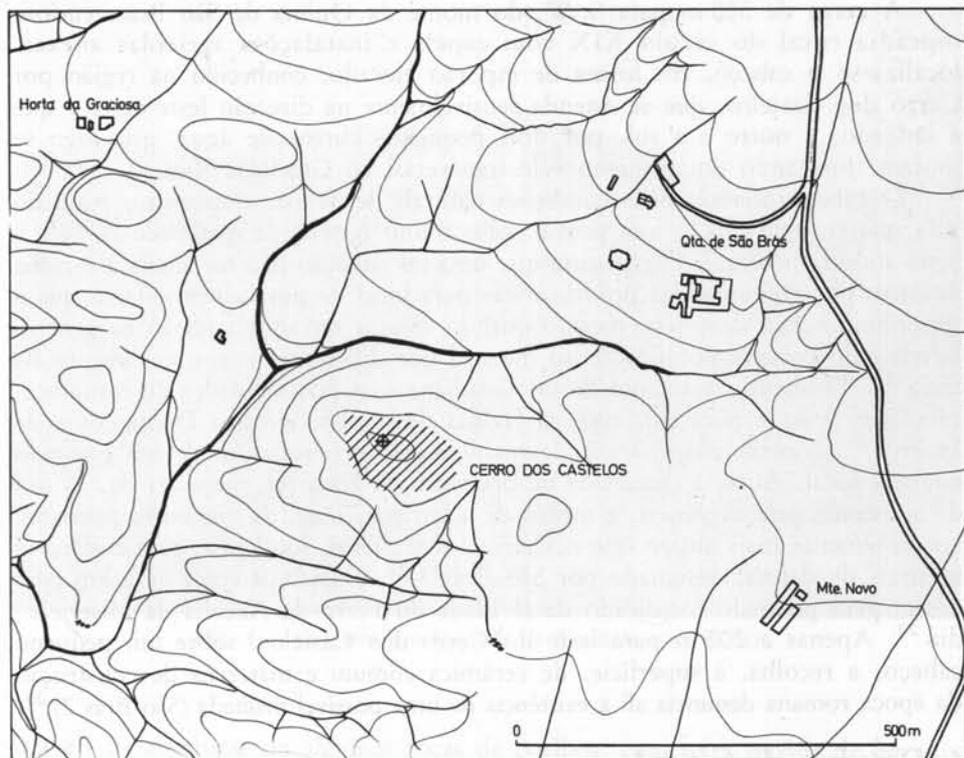


Fig. 3 — Situação do Cerro dos Castelos de São Brás (esc.1:10 000, representação modificada a partir da Carta Cadastral).

Na margem esquerda do Guadiana, cerca de 4 km a sul da vila de Serpa, por alturas da Quinta de São Brás, os terrenos dioríticos do Campo de Serpa, zona da peneplanície pouco elevada onde hoje se cultiva trigo e se exploram olivais<sup>17</sup>, cedem o lugar aos xistos que dão início à chamada Serra de Serpa, prolongamento para norte da Serra de Mértola, região de terrenos acidentados e com solos esqueléticos cobertos de mato de estevas<sup>18</sup>. No contacto entre dioritos e xistos são frequentes as nascentes de água e, aqui e além, aparecem rochas cupríferas e mesmo o cobre nativo<sup>19</sup>.

<sup>17</sup> ALBUQUERQUE, J. de Pina Manique e, *Carta Ecológica de Portugal*, Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, Lisboa, 1954. Para a história da agricultura no Campo de Serpa cf., p. ex., SILBERT, A., *Le Portugal méditerranéen à la fin de l'Ancien Régime* (Textos de História, 1), 2.<sup>a</sup> ed., I. N. I. C., Lisboa, 1978; MATOS, A. C.; MARTINS, M. C. A.; BETTENCOURT, M. L., *Senhores da terra. Diário de um agricultor alentejano (1832-1889)*, Lisboa, 1982. Agradeço a Manuel Madeira, profundo conhecedor da região, os ensinamentos sobre a história da agricultura do Baixo Alentejo oriental.

<sup>18</sup> ALBUQUERQUE, J. de P. M. e, *op. cit.* (v. nota 17); LAUTENSACH, H., *op. cit.* (v. nota 1); COSTA, H. C.; VIANA, A., *Colmeias de Serpa, no séc. XV. O "aranzel das malhadas"*, "Arquivo de Beja", VI, pp. 349 ss., em especial pp. 353 s.

<sup>19</sup> Informação de Vitor Oliveira, do Serviço de Fomento Mineiro, Beja.

A cerca de 500 m para S. W. do monte da Quinta de São Brás, curiosa moradia rural do século XIX com capela e instalações agrícolas anexas, localiza-se o cabeço, em forma de esporão elevado, conhecido na região por Cerro dos Castelos, que se estende sensivelmente na direcção leste-oeste e que é ladeado, a norte e a sul, por dois pequenos cursos de água, que logo se juntam, formando um pequeno vale transversal ao Guadiana (figs. 2 e 3).

O cabeço oferecia boas condições naturais de defesa, enquanto o pequeno vale que o separa da quinta possui solos muito férteis, de qualidade A<sup>20</sup>, e a água abunda no local. Certamente que uma tal situação não foi alheia à escolha do sítio por comunidades pré-históricas para local de povoamento, facto que a toponímia actual denuncia, mesmo quando se sabe ter aquela região na generalidade sido coberta por um denso matagal que dificultava o aproveitamento da terra<sup>21</sup>. Também a proximidade do Guadiana e as possibilidades de comunicação, para leste e para sul, com as jazidas de minério de São Domingos e de Huelva<sup>22</sup>, contribuíram para o desenvolvimento e perduração de um povoado naquele local. Aliás, a densidade de ocupação da zona (cf. mapa da fig. 2) fica demonstrada pela existência, a menos de 1 km para leste, de um outro povoado, aparentemente mais antigo que o Cerro dos Castelos, local esse, sem condições naturais de defesa, designado por São Brás 3<sup>23</sup>, e ainda, a cerca de 2 km para oeste, pelo povoado fortificado da II Idade do Ferro da Azenha da Misericórdia<sup>24</sup>. Apenas a 200 m para leste do Cerro dos Castelos, sobre um pequeno cabeço, a recolha, à superfície, de cerâmica comum e materiais de construção da época romana denuncia ali a existência de uma possível malhada (São Brás 2)<sup>25</sup>.

#### 4. Descrição do povoado

A vegetação que cobre actualmente o Cerro dos Castelos é característica daquela zona: algumas estevas e um olival, que é activamente explorado. Este último causa alguns problemas à escavação e as raízes das árvores provocaram a destruição da estratigrafia nalguns locais. Sobretudo no lado sul, são também

<sup>20</sup> *Carta de Capacidade de Uso do Solo*, esc. 1 : 50 000, fl. 43-D, Serviço de Reconhecimento e Ordenamento Agrário, Lisboa, 1965; *Carta dos Solos de Portugal*, esc. 1 : 50 000, fl. 43-D, Serviço de Reconhecimento e Ordenamento Agrário, Lisboa, 1965.

<sup>21</sup> CABRAL, J., *Serpa do Passado*, Braga, 1968, em especial pp. 253 ss.

<sup>22</sup> BLANCO FREIJEIRO, A.; ROTHENBERG, B., *Exploración arqueometalúrgica de Huelva*, 1981. Sobre geologia da faixa piritosa ibérica cf. "Comunicações dos Serviços Geológicos", LX, 1976.

<sup>23</sup> "Informação Arqueológica", 1, 1977-78, p. 17. Entre a cerâmica lisa recolhida à superfície abunda a taça carenada, até agora escassa no Cerro dos Castelos.

<sup>24</sup> Inédito. À superfície recolheu-se cerâmica feita ao torno e estampilhada. Apresenta restos de fortificação antiga.

<sup>25</sup> "Informação Arqueológica", 1, 1977-78, p. 17. Sobre malhadas na Serra de Serpa cf. p. ex. COSTA, H. C.; VIANA, A., *op. cit.* (v. nota 18); VASCONCELOS, F. A., *O compromisso de registo e regra que se ha de ter nas malhadas da Serra Grande de Serpa*, "Arquivo de Beja", VII, 1950, pp. 277 ss.; CABRAL, J., *op. cit.* (v. nota 21), *ibid.* Agradeço informações sobre este assunto a José O. da Silva Caeiro.



Fig. 4 — O Cerro dos Castelos de São Brás visto de NE.

visíveis as aberturas de algumas tocas de coelhos, com terra trazida de estratos mais profundos acumulada junto a elas: aqui haverá também que contar com perturbações da estratigrafia.

As duas cinturas de muralhas concêntricas, que podem adivinhar-se por dois declives abruptos em torno de todo o cabeço (figs. 4 e 5), parecem ainda relativamente bem conservadas. Só no seu lado sul, onde a pendente é mais suave, os desmoronamentos fizeram aparecer à superfície algumas pedras soltas de construção. Por este motivo, precisamente naquelas zonas do povoado, são mais abundantes os achados feitos à superfície. A mais interior dessas cinturas de muralha delimita uma plataforma superior, quase plana, onde, nalguns locais, aflora o grauvaque, rocha constituinte do cabeço. A parte mais alta desta plataforma está assinalada por um vértice geodésico, TC (Altinho de São Brás), cujas coordenadas civis (origem: ponto central) são  $M = + 45\ 223,89 / P = -196\ 069,08 / N'' = 163,36$ <sup>26</sup>. A segunda cintura de muralha, isto é, a muralha exterior, define, por seu turno, uma estreita plataforma inferior que, como se comprovou no corte 1, tinha também habitações. O traçado desta segunda muralha quase se perde no seu lado leste, onde é mais fácil o acesso ao alto do cabeço e onde seria de esperar um reforço das estruturas defensivas. Enquanto se pôde comprovar que a muralha interior consiste numa construção de pedra, não há ainda dados seguros sobre a natureza da estrutura desta

<sup>26</sup> Valores fornecidos em 1979 pelo Instituto Geográfico e Cadastral (Lisboa).

segunda linha de fortificação, embora no lado sul algumas pedras soltas possam atribuir-se à sua ruína. Os pormenores da fortificação ficam dependentes das escavações arqueológicas cujo prosseguimento está programado para um futuro próximo.

## 5. Reconhecimento arqueológico

A estação arqueológica do Cerro dos Castelos de São Brás foi referenciada por Irisalva Moita<sup>27</sup>, tendo sido localizada por E. Cação Ribeiro, ao tempo trabalhando como topógrafo em Beja, que comunicou a sua descoberta a jovens arqueólogos desta cidade. Entre eles contava-se José Luís Soares, que chamou a atenção do autor para o povoado. Posteriormente, têm-se publicado diversas outras referências<sup>28</sup>.

## 6. Quadriculagem do terreno

Para a marcação do sistema de coordenadas local foi definida uma linha  $x$  a partir do TC existente na parte mais alta do cabeço e da chaminé do Monte Novo, situado algumas centenas de metros para leste, linha essa que atravessa longitudinalmente todo o cabeço sensivelmente pelo seu eixo mais longo. Ao TC atribuiu-se um valor de  $x = 200,00 / y = 800,00 / z = 163,36$  m, o que permite trabalhar unicamente com valores positivos, sendo os valores de  $z$  equivalentes à altitude absoluta referente ao nível médio do mar em Cascais. Antes da escavação, em Junho de 1979, com um T.2 foram então implantados, a partir do TC, pontos de medição de 5,00 em 5,00 m sobre a linha  $x$  em  $y = 800,00$ . Estes pontos fixos foram assinalados por um tubo de matéria plástica cimentado, apresentando assim a vantagem de não serem magnéticos — com vista a medições por métodos geofísicos — e de só dificilmente poderem ser removidos, para além de constituírem cotas auxiliares fixas para a altimetria. No cimento, escreveram-se as medidas de cada ponto.

Desta linha base em  $y = 800,00$ , que constitui um sistema de referência seguro, partem então linhas perpendiculares, a partir dos pontos cimentados. As medidas foram sempre tomadas a partir desta linha base, para norte e para sul, para evitar erros cumulativos no sistema de medição fixo. Obteve-se assim uma quadriculagem do terreno que serve de base a escavações futuras e que disciplina extraordinariamente o sistema de referências e registos.

## 7. Levantamento topográfico

Só em Agosto de 1980 foi possível proceder a um levantamento topográfico do cabeço com prancheta e alidade (cf. fig. 5), na escala 1:200, de que se encarregaram Juana Covadonga Hernandez Suarez e Alejandro Valencia León,

<sup>27</sup> MOITA, I., *A carta arqueológica da Margem Esquerda do Guadiana e o Museu de Serpa (projecto)*, "Lucerna", IV, 1965, pp. 140 ss. (mapa).

<sup>28</sup> Cf. acima nota 3.

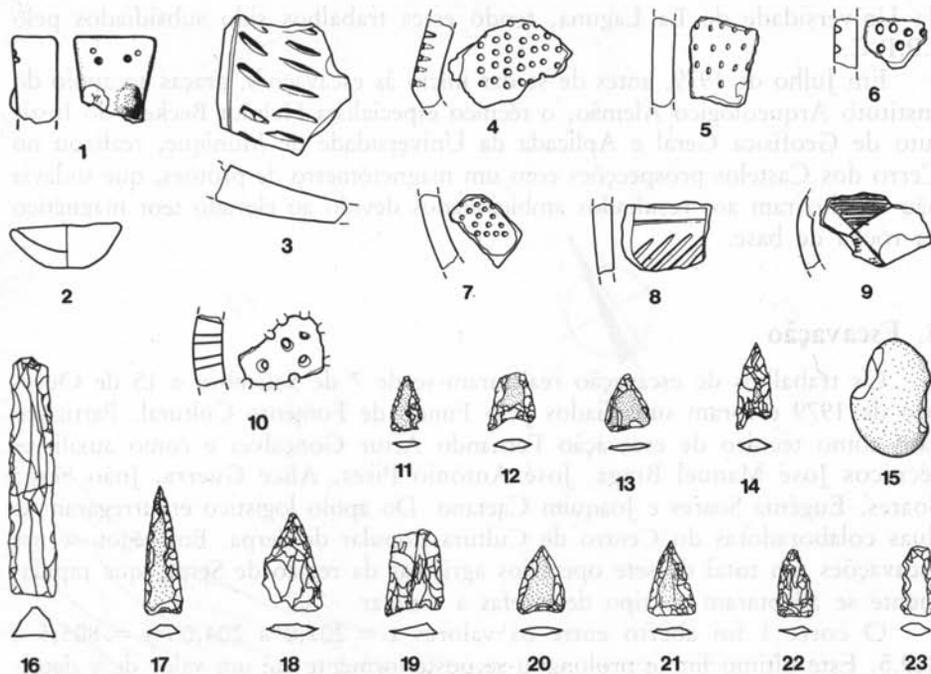


Fig. 6 — Achados de superfície: 1, "ídolo" de cerâmica; 2 a 10, cerâmica; 11 a 23, pedra (esc. 1:3).



Fig. 8 — Início da escavação do corte 1.

da Universidade de La Laguna, tendo estes trabalhos sido subsidiados pelo I.P.P.C.

Em Julho de 1979, antes de se dar início às escavações, graças ao apoio do Instituto Arqueológico Alemão, o técnico especialista Helmut Becker, do Instituto de Geofísica Geral e Aplicada da Universidade de Munique, realizou no Cerro dos Castelos prospecções com um magnetómetro de protões, que todavia não conduziram aos resultados ambicionados devido ao elevado teor magnético da rocha de base.

## 8. Escavação

Os trabalhos de escavação realizaram-se de 7 de Setembro a 15 de Outubro de 1979 e foram subsidiados pelo Fundo de Fomento Cultural. Participaram como técnico de escavação Fernando Artur Gonçalves e como auxiliares técnicos José Manuel Braga, José António Pires, Alice Guerra, João Serpa Soares, Eugénia Soares e Joaquim Caetano. Do apoio logístico encarregaram-se duas colaboradoras do Centro de Cultura Popular de Serpa. Empregou-se nas escavações um total de sete operários agrícolas da região de Serpa, que rapidamente se adaptaram ao tipo de tarefas a realizar.

O corte 1 foi aberto entre os valores  $x = 201,0$  a  $204,0 / y = 805,5$  a  $829,5$ . Este último limite prolongou-se posteriormente até um valor de  $y$  determinado pelo acentuado declive que, na área do corte, assinala a cintura da muralha exterior, valor esse compreendido entre  $y = 830$  e  $832$ , que varia evidentemente conforme a profundidade alcançada pela escavação.

Uma vez que se trata de terrenos xistosos, onde as gradações de coloração das terras são, no decorrer da escavação, dificilmente observáveis, optou-se por uma desmontagem artificial por camadas de cerca de  $0,10$  m de espessura, numerando-se, desenhando-se e cotando-se os planos obtidos de cada vez que cada camada era removida. Os materiais são referenciados na altimetria pelas cotas dos planos que limitam superior e inferiormente a camada, enquanto na planimetria se procedeu a uma quadriculagem da área escavada, dividindo-se o corte em duas metades,  $x = 201,0$  a  $202,50$  e  $x = 202,50$  a  $204,0$ , e em segmentos de um metro no sentido de  $y$  ou em correspondência com as manchas de cor observadas. Obtiveram-se assim conjuntos de materiais definidos pelas quadriculas planimétricas e pelos valores de cota de cada plano. Dentro de cada conjunto, ao qual se atribuiu um número de inventário, o material cuja posição exacta se pôde assinalar foi cotado e registado na planta respectiva.

Os materiais encontrados são assim marcados com a sigla SB.1, com o número de inventário do conjunto de achados a que pertencem e, no caso dos achados assinalados na planta ou dos achados selectos, ainda com número individual. Este sistema de registo impõe uma referência sistemática e ordenada de todos os achados e torna-se muito prático por reduzir ao mínimo os erros de observação.

O trabalho posterior consiste em “encaixar” os conjuntos dentro da estratigrafia registada nos perfis obtidos, o que evita os erros provocados por um registo estrato a estrato, pelo método da “casca de cebola”, que a prática tem

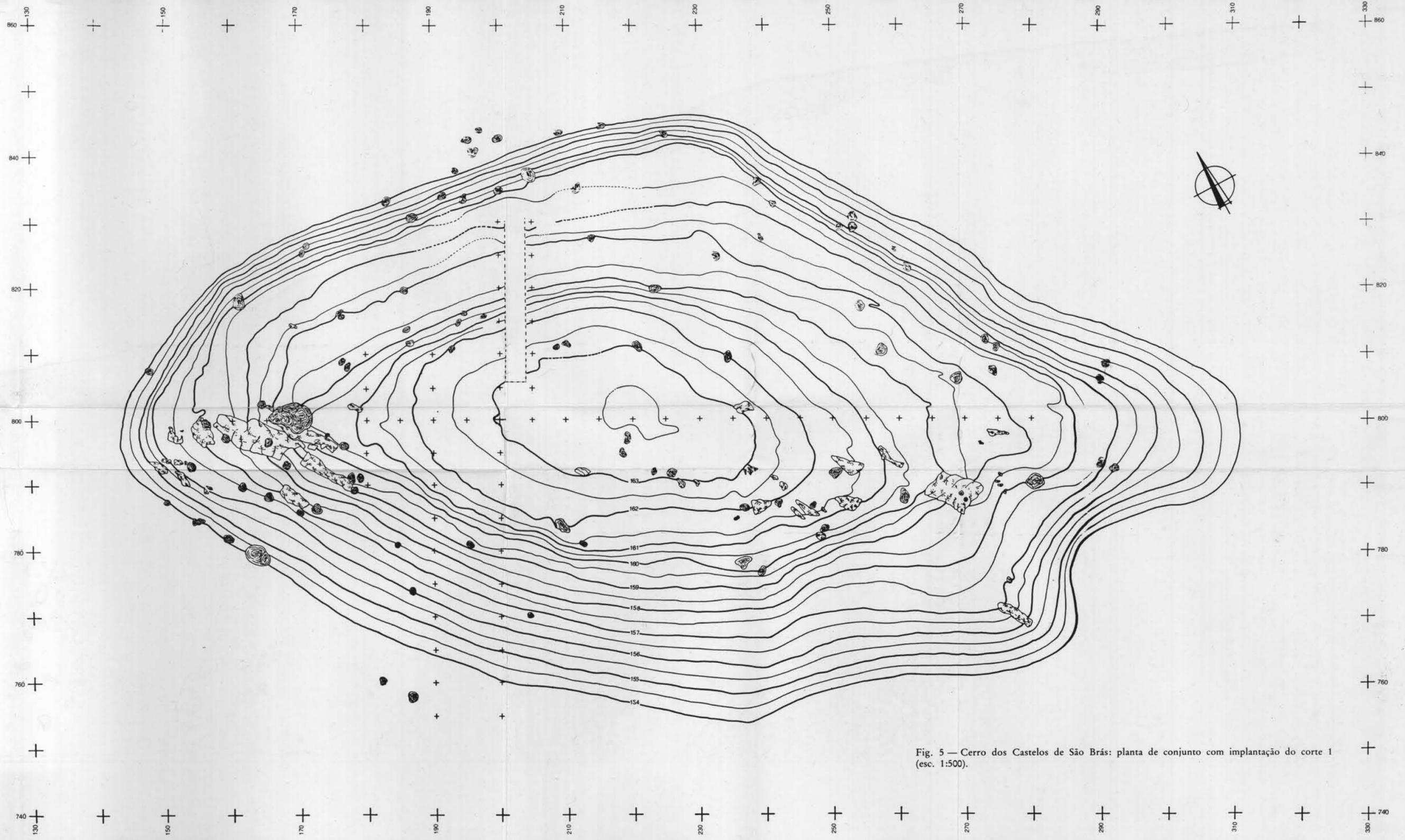


Fig. 5 — Cerro dos Castelos de São Brás: planta de conjunto com implantação do corte 1 (esc. 1:500).

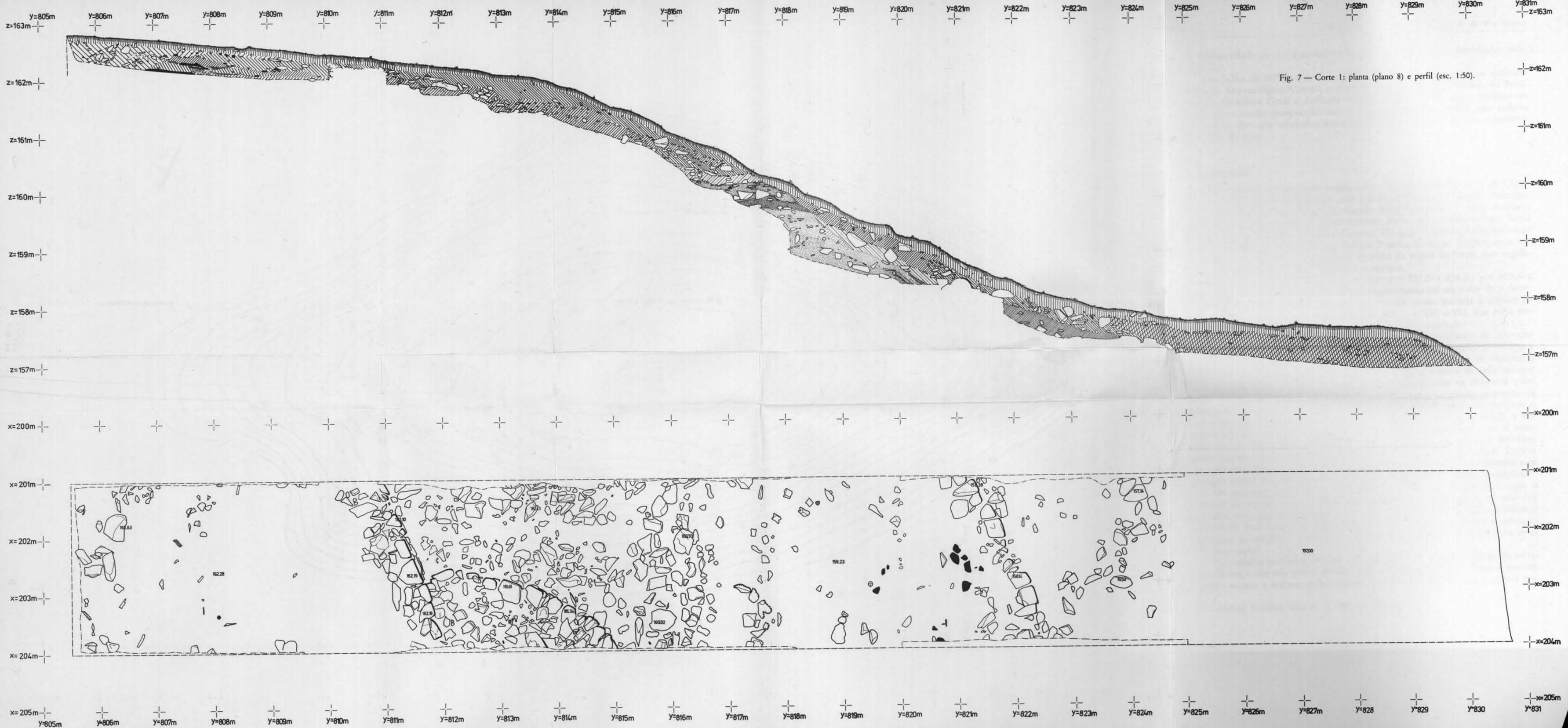


Fig. 7 — Corte 1: planta (plano 8) e perfil (esc. 1:50).

demonstrado ser de muito difícil, senão impossível, aplicação neste tipo de terrenos e condições.

### 9. Estratigrafia e estruturas descobertas

Pela escavação verificou-se a existência de uma muralha de pequena espessura (muro *aa*) de face exterior bem definida, mas cuja face interior está mal delineada. Deste muro *aa* arranca o que parece ser um bastião de traçado semicircular (bastião *A*) delimitado pelo muro *ab*, do qual se detectou apenas uma face exterior. Sobre o muro *aa*, junto ao limite leste do corte, detectou-se um buraco de poste estruturado que pode corresponder a uma fase posterior de construção. O muro *aa* e o bastião *A* inserem-se no sentido tomado por um declive artificial, que circunda todo o cabeço, definindo uma plataforma superior, e que se designa por cintura de muralha interior, sendo assim interpretado como estrutura defensiva.

Na plataforma superior, internamente ao muro *aa*, assinalaram-se estratos sobrepostos, horizontalmente sedimentados, que parecem corresponder às ruínas de estruturas de *habitat* constituídas por materiais leves de canas e barro, pois encontrou-se abundante “cerâmica de revestimento”, correspondendo por vezes claramente a estruturas abatidas e ao seu chão. Em futuras escavações terá aqui de aprofundar-se até à rocha.

Para norte da face exterior dos muros *aa* e *ab* encontrou-se o respectivo derrube. Aqui não se aprofundou mais, removendo-se apenas o estrato da superfície e uma camada superior do estrato de derrube.



Fig. 9 — Corte 1: pormenor do muro *aa* e arranque do bastião *A*.

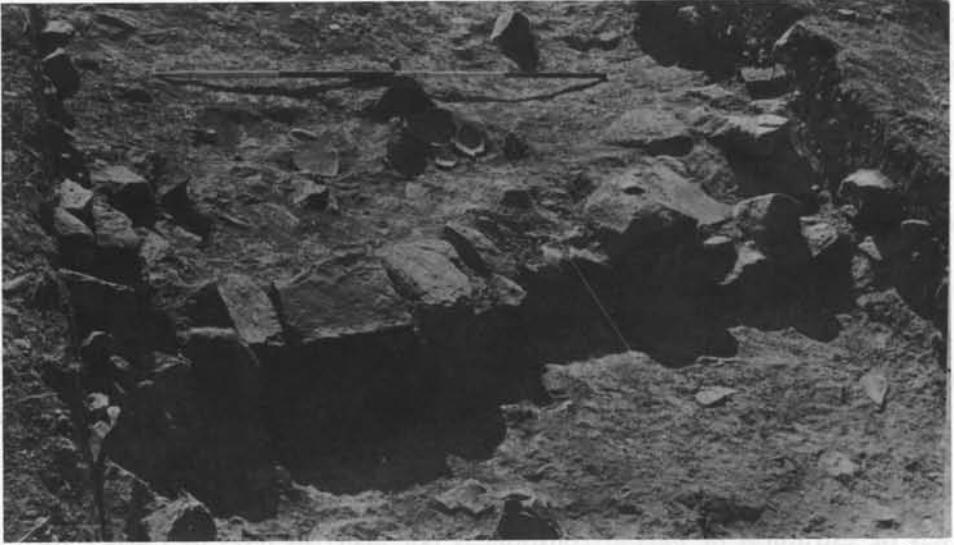


Fig. 10 — Corte 1: muro *ba* e solo de ocupação do Calcolítico, com cerâmicas *in situ* (grande recipiente hemisférico e prato de bordo *almendrado*). Plano 8.

Mais a norte, já numa zona inclinada, fez-se uma desmontagem por camadas paralelas ao declive do terreno, até se observar que, pouco abaixo da superfície, os estratos se sedimentavam quase na horizontal, possivelmente em terraços que por certo acompanhavam socalcos na rocha de base, o que só a futura conclusão da escavação do corte 1 poderá confirmar. Os estratos mais profundos, com uma considerável potência, correspondem ao derrube de estruturas de *habitat*. A cor amarela clara ou bege denuncia a existência de adobes desfeitos. A última fase da escavação neste sector, para norte do limite  $y = 818,0$ , que atingiu o plano 11, demonstrou a existência de solos de ocupação com material *in situ*. Articulada com estes estratos de *habitat* encontrou-se uma fiada de pedras (muro *ba*), que parece delimitar uma cabana pelo lado norte, no interior da qual apareceram numerosos fragmentos cerâmicos em conexão e restos de carvão muito desfeitos (casa *B*).

Na parte inferior do declive, estes estratos horizontais são sobrepostos por um estrato de pedras provenientes por certo do derrube de uma estrutura, mas cuja relação com o derrube dos muros *aa* e *ab* não é ainda clara. Este estrato de pedras, que na sua parte inferior toma uma direcção mais horizontal, é sobreposto, a partir de  $y = 823$  aproximadamente, por um conjunto de estratos mais recentes, não se podendo articular por enquanto com os estratos da plataforma superior, interior ao muro *aa*. Na zona em que se formaram estes estratos mais recentes define-se uma plataforma inferior, que termina por declive abrupto, assinalando o que se pensa ser uma outra cintura de muralha, embora a escavação não tenha detectado ainda qualquer estrutura, que poderá estar a maior profundidade. Teríamos assim um espaço de habitação em socalcos e sobre uma plataforma estreita, compreendido entre uma cintura de muralha interior e exterior.

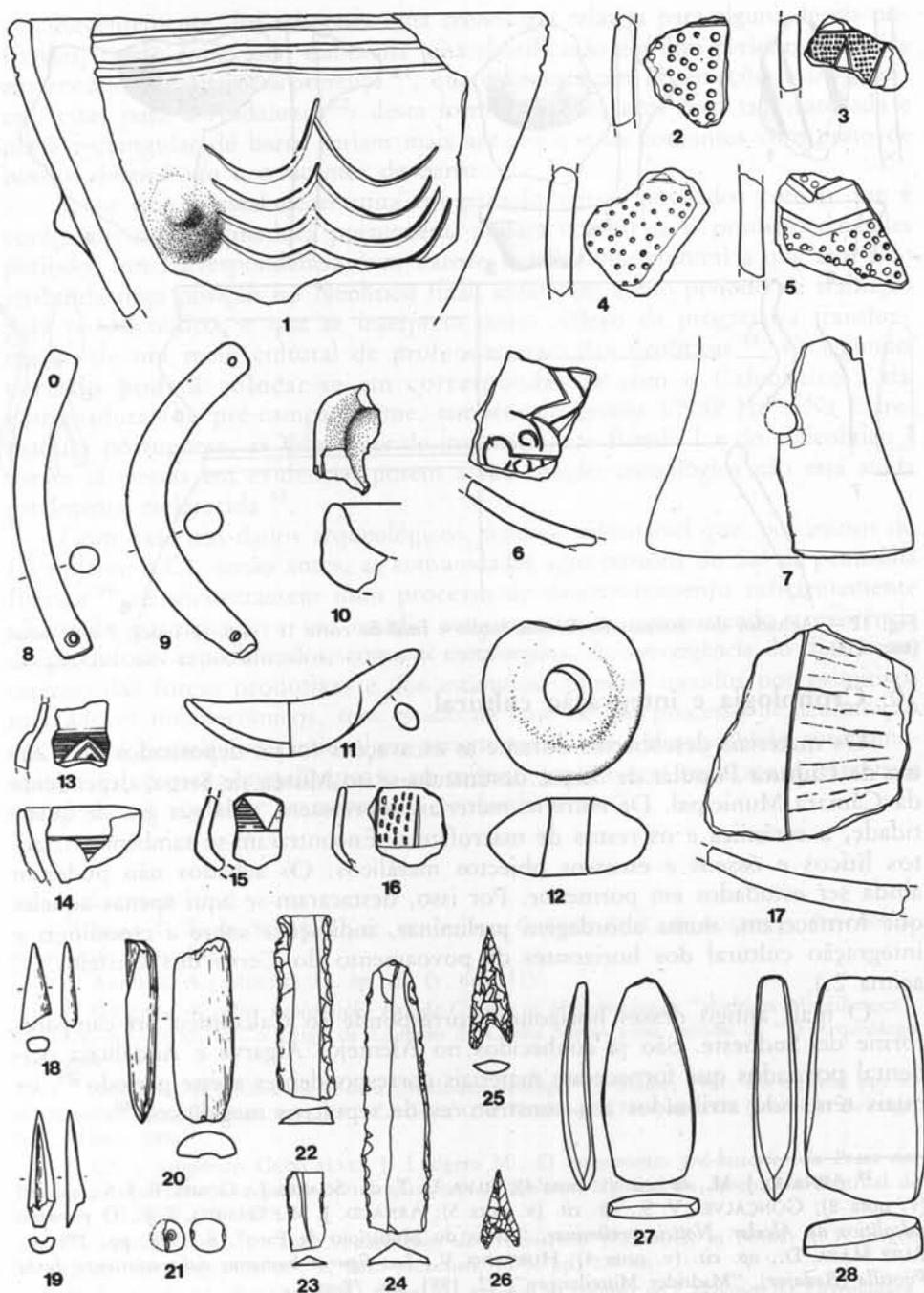


Fig. 11 — Achados dos estratos do Calcolítico e do Bronze inicial do corte 1: 1 a 17, cerâmica; 18 a 20, osso; 21 a 28, pedra (esc. 1:3).

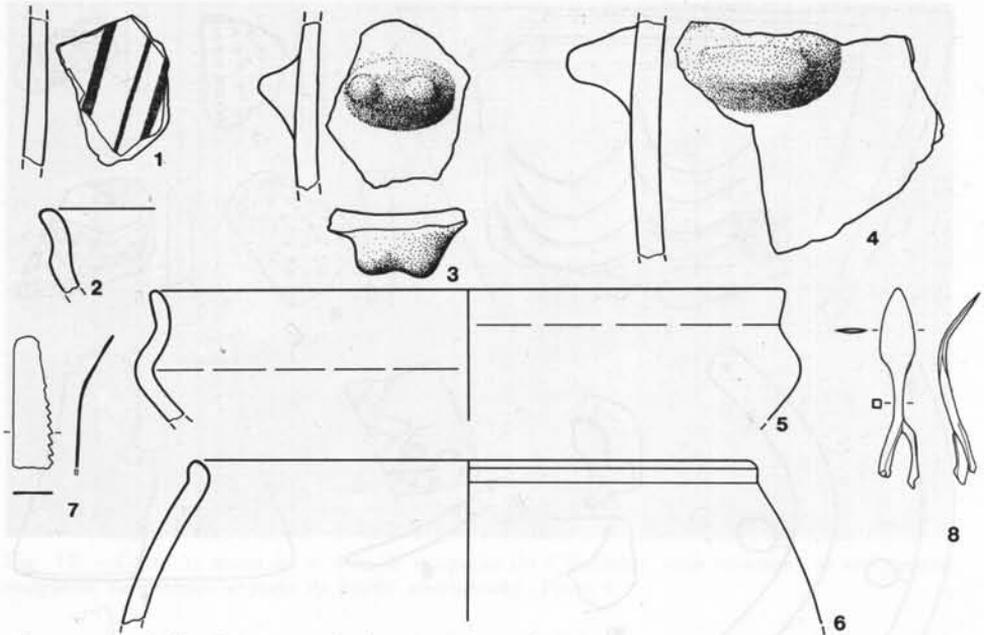


Fig. 12 — Achados dos estratos do Bronze tardio e final do corte 1: 1 a 6, cerâmica; 7 e 8, metal (esc. 1:3).

## 10. Cronologia e integração cultural

Os materiais descobertos durante as escavações foram depositados no Centro de Cultura Popular de Serpa, destinando-se ao Museu de Serpa, dependente da Câmara Municipal. De entre os materiais sobressaem, pela sua grande quantidade, a cerâmica e os restos de macrofauna. Encontraram-se também artefactos líticos e ósseos e escassos objectos metálicos. Os achados não puderam ainda ser estudados em pormenor. Por isso, destacaram-se aqui apenas aqueles que forneceram, numa abordagem preliminar, indicações sobre a cronologia e integração cultural dos horizontes de povoamento do Cerro dos Castelos (v. acima 2.).

O mais antigo desses horizontes corresponde ao Calcolítico pré-campaniforme do Sudoeste. São já conhecidos no Alentejo, Algarve e Andaluzia ocidental povoados que forneceram materiais correspondentes a este período<sup>29</sup>, os quais têm sido atribuídos aos construtores de sepulcros megalíticos<sup>30</sup>.

<sup>29</sup> ARNAUD, J. M., *op. cit.* (v. nota 4); SILVA, C. T. da; SOARES, J.; GOMES, F. J. S., *op. cit.* (v. nota 8); GONÇALVES, V. S., *op. cit.* (v. nota 5); ARNAUD, J. M.; GAMITO, T. J., *O povoado calcolítico de Alcalar. Notícia preliminar*, "Anais do Município de Faro", 8, 1978, pp. 275 ss.; RUIZ MATA, D., *op. cit.* (v. nota 4); HURTADO, V., *Las figuras humanas del yacimiento de la Pijotilla (Badajoz)*, "Madrider Mitteilungen", 22, 1981, pp. 78 ss.

<sup>30</sup> Philine Kalb tem feito, recentemente, pertinentes observações sobre o megalitismo peninsular: KALB, Ph., *Neuere Ergebnisse zur Megalithkultur auf der Iberischen Halbinsel*, "Nachrichten aus Niedersachsens Urgeschichte", 49, 1980, pp. 73 ss.; KALB, Ph., *Zur relativen Chronologie portugiesischer Megalithgräber*, "Madrider Mitteilungen", 22, 1981, pp. 55 ss.

Recentemente, foi esboçada uma cronologia relativa para alguns desses povoados, tendo então sido elaborada uma classificação em dois períodos, baseada em critérios de ausência/presença<sup>31</sup>, que é apoiada por observações estratigráficas feitas para a Andaluzia<sup>32</sup>: desta forma, os conjuntos com taça carenada e placa rectangular de barro seriam mais antigos que os conjuntos com prato de bordo *almendrado* e crescentes de barro.

Se se quiser estabelecer uma comparação desses povoados com o que é conhecido na Estremadura portuguesa, poderá colocar-se o primeiro daqueles períodos em correspondência com Parede I, horizonte cultural a que tem sido atribuída uma posição no Neolítico final, entendido como período de transição para o Calcolítico, e que se interpreta como reflexo da progressiva transformação de um meio cultural de profundas tradições neolíticas<sup>33</sup>. O segundo período poderá colocar-se em correspondência com o Calcolítico I da Estremadura (ou pré-campaniforme, também designado VN-SP-I)<sup>34</sup>. Na Estremadura portuguesa, as diferenças de inventários de Parede I e do Calcolítico I foram já postas em evidência, porém a sua relação cronológica não está ainda totalmente esclarecida<sup>35</sup>.

Com base nos dados arqueológicos, torna-se admissível que, por inícios do III milénio a.C., senão antes, as comunidades agro-pastoris do Sul da península Ibérica<sup>36</sup> se encontrassem num processo de desenvolvimento suficientemente adiantado para passar a um estágio socioeconómico comportando a existência de produtores especializados, como o metalurgista. A convergência do dinamismo interno das forças produtivas e dos estímulos culturais trazidos por primitivos mercadores mediterrânicos, terá estado na base de um processo de aculturação em que as populações peninsulares teriam assimilado e desenvolvido autonomamente as técnicas metalúrgicas, ao mesmo tempo que toda a sua estrutura económica e social se transformava profundamente<sup>37</sup>.

<sup>31</sup> SILVA, C. T. da; SOARES, J., *op. cit.* (v. nota 4); SILVA, C. T. da; SOARES, J., *Pré-História da área de Sines*, 1981.

<sup>32</sup> ARRIBAS, A.; MOLINA, F., *op. cit.* (v. nota 11).

<sup>33</sup> SPINDLER, K., *Die neolithische Parede-Gruppe in Mittelportugal*, "Madrider Mitteilungen", 17, 1976, pp. 21 ss.; cf. o artigo de Eduardo da Cunha Serrão neste volume de "O Arqueólogo Português".

<sup>34</sup> SPINDLER, K., *Cova da Moura* (Madrider Beiträge, 7), Mainz, 1981, em especial pp. 63 ss.; SANGMEISTER, E.; SCHUBART, H., *Zambujal. Die Grabungen 1964 bis 1973* (Madrider Beiträge, 5/1), Mainz, 1981.

<sup>35</sup> Cf. a propósito GONÇALVES, J. Ludgero M., *O monumento pré-histórico da Praia das Maças. Arquitectura e cerâmica pré-campaniforme*, "Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa", III Série, 85, 1979.

<sup>36</sup> SANGMEISTER, E., *Das Neolithikum der Iberischen Halbinsel*, in NARR, K. J. (org.), "Handbuch der Urgeschichte", 2, Bern-München, 1975, pp. 277 ss.

<sup>37</sup> PINTO, C. V.; PARREIRA, R., *Acerca do conceito de colónia no Calcolítico da Estremadura*, "Actas da 1.ª mesa-redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal" (Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 3), Porto, 1979, pp. 135 ss.; PARREIRA, R., *Os primitivos metalurgistas da Estremadura portuguesa*, "História", 17, Lisboa, 1980, pp. 46 ss.; SILVA, C. T. da; SOARES, J., *op. cit.* (v. nota 31, 1981), p. 139.

Esta perspectiva parece adequar-se à existência, no Sul e no Oeste da península Ibérica, de comunidades conhecedoras das técnicas do metal, cujos vestígios têm sido assinalados pelas pesquisas arqueológicas efectuadas desde o século passado<sup>38</sup>. Controlando e explorando directamente as fontes de metal, como no Alentejo e na Andaluzia oriental, comerciando a partir de áreas férteis situadas junto à costa, como na Estremadura portuguesa, comunicando com o interior rico em cobre através de diferentes vias de penetração, como o Guadalquivir ou os vales da Andaluzia oriental<sup>39</sup>, foram-se acentuando as diferenças culturais entre esses primitivos metalurgistas do Sul e no Oeste peninsulares, as quais se reflectiram na diversidade do equipamento cultural de região para região.

Assim, desde logo se vislumbram diferenças entre os povoados do Guadiana e os povoados coevos da Estremadura ou do Sudoeste peninsular. De facto, sítios como o Cerro dos Castelos de São Brás ou o Cerro do Castelo de Santa Justa<sup>40</sup> parecem estar próximos daquilo que é conhecido na Andaluzia ocidental, nomeadamente no vale do Guadalquivir<sup>41</sup>.

A presença de cerâmica campaniforme no Cerro dos Castelos de São Brás vem alargar a distribuição desta cerâmica no Sul de Portugal. O seu aparecimento cada vez mais frequente no Baixo Alentejo vem aparentemente contrariar a tese de que o campaniforme apareceria ali como elemento estranho, uma vez que o final do Calcolítico seria representado pelo chamado horizonte de Ferradeira<sup>42</sup>. Isso vem colocar ainda o problema da relação cronológica e cultural entre o campaniforme e o grupo de Ferradeira, questão que ultrapassa evidentemente o âmbito deste estudo. Terá de ficar em aberto a possibilidade de um povoamento contínuo até à Idade do Bronze recente. O estrato de pedras grandes, na parte inferior do corte 1, poderia, porém, definir um nível de abandono temporário.

Com o horizonte de ocupação da Idade do Bronze final, o Cerro dos Castelos pode ser incluído na série de povoados daquela época que, nos últimos anos, têm sido localizados no Alentejo e Algarve<sup>43</sup>, na zona de distribuição da chamada cultura da Idade do Bronze do Sudoeste da península Ibérica, também designada por Bronze do Sudoeste<sup>44</sup>. Locais comparáveis, como o Outeiro do Circo, a Coroa do Frade e o Castro do Giraldo, parecem ter-se desenvolvido especialmente no Bronze recente, o que não exclui a existência de

<sup>38</sup> SANGMEISTER, E., *Spätes Neolithikum und Kupferzeit der Iberischen Halbinsel*, in NARR, K. J. (org.), "Handbuch der Urgeschichte", 2, Bern-München, 1975, pp. 545 ss.

<sup>39</sup> SCHÜLE, W., *Orce und Galera*, I, Mainz, 1980.

<sup>40</sup> GONÇALVES, V. S., *op. cit.* (v. nota 5).

<sup>41</sup> RUIZ MATA, D., *op. cit.* (v. nota 4); HURTADO, V., *op. cit.* (v. nota 29).

<sup>42</sup> SCHUBART, H., *op. cit.* (v. nota 13).

<sup>43</sup> PARREIRA, R.; SOARES, A. Monge, *op. cit.* (v. nota 3); SILVA, C. T. da; SOARES, J., *op. cit.* (v. nota 14).

<sup>44</sup> SCHUBART, H., *op. cit.* (v. nota 13).

horizontes de ocupação mais antigos, como é certamente o caso do Castelo do Giraldo <sup>45</sup> e parece ser o do Cerro dos Castelos de São Brás. O seu pleno desenvolvimento, como centros — políticos e económicos — de uma população dispersa em pequenos povoados nos arredores, parece ter-se dado, no entanto, apenas no final da Idade do Bronze <sup>46</sup>, época de transição que assinala uma intensificação de contactos com o Oriente mediterrânico e com a Europa central <sup>47</sup>.

## 11. Considerações finais

As pesquisas futuras devem tomar em conta a especificidade de cada região natural, uma vez que estas constituem a base de uma permanente reorganização das comunidades e determinam em grande parte as suas características socioeconómicas. Desde logo, deverá procurar-se determinar os limites e características geomorfológicas e ecológicas da região em estudo, com o objectivo de esboçar uma interpretação das modificações operadas no seu povoamento e paisagem.

No reconhecimento das diversas estações têm-se revelado fundamentais as prospecções arqueológicas de campo realizadas desde há vários anos por membros da secção de Arqueologia do Centro de Cultura Popular de Serpa, na zona do Campo de Serpa, por E. Cação Ribeiro, na Serra de Serpa, e por J.



Fig. 13 — Aspecto dos trabalhos na zona inferior do corte 1.

<sup>45</sup> SCHUBART, H., *op. cit.* (v. nota 13).

<sup>46</sup> PARREIRA, R.; SOARES, A. Monge, *op. cit.* (v. nota 3).

<sup>47</sup> ARTEAGA, O., *La panorámica proto-histórica peninsular y el estado actual de su conocimiento en el Levante Septentrional (Castellón de la Plana)*, "Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense", 3, 1976, pp. 173 ss.

Fragoso Lima, nos arredores de Moura. O trabalho futuro deverá necessariamente articular-se com as pesquisas dos agrupamentos de amadores que desenvolvem actividades na zona, via essa que abre perspectivas de articulação do trabalho científico com uma acção cultural que possibilite às comunidades locais a apropriação de uma parte da sua memória histórica correctamente analisada — pelo que se crê ser esta uma forma correcta de interligar as tarefas de pesquisa com as tarefas, mais vastas, de salvaguarda do Património Cultural.

